

Do sentir

Manuela de Souza de Almeida Leite

Mário Perniola inicia sua teoria pontuando que as formas de pensar, agir e sentir são diferentes entre as gerações, sendo essas formas muito mais ligadas à estrutura econômica e social do que ao indivíduo. A partir dos anos 60, no território do sentir, estabelecem-se e se desfazem as relações privadas e sociais. O sentir passou a ser reprimido. Em nossa época, o já sentido ocupa o lugar do sentir.

Passando por conceitos que envolvem a lógica do mercado e sua influência nas relações dos homens entre si e com o meio, o autor pontua que desde meados do século XX a sociedade forneceu ao homem um conjunto de opiniões (que é o oposto de pensar) e doutrinas de maneira cega (religiosa) sem que fossem questionados seus pressupostos.

A *sensologia* seria uma identificação com um falso sentir. Mas para se entender o conceito de sensologia, é necessário primeiramente entender os demais conceitos apresentados no livro:

1. A *ideologia*, que seria uma falsa consciência que impede a cada um a possibilidade de se tornar consciente de sua situação real. A ideologia (no pensar) e a sensologia (no sentir) seriam duas formas semelhantes de doutrinação.
2. A *burocracia* estaria relacionada ao já feito, fornecendo “um conjunto de esquemas de comportamento já feitos” (p. 15). Regulamentando o agir, conservando o já feito e o modo de fazer. O poder da burocracia seria a capacidade de execução.
3. A *mediacracia*, na qual os meios de comunicação de massa desempenham papel principal no processo de disseminação das ideologias na população e difusão antecipada do já sentido. Para Perniola, o poder da *mediacracia* estaria na antecipação do sentir. A *mediacracia* limita a transgressão, pois regula o sentir. Tudo já foi feito, porque tudo já foi sentido.

Para Perniola, atualmente vivemos a sociedade da diversão. Confunde-se trabalho com diversão. Na era da experiência já sentida, o corpo torna-se objeto de atenção cosmética terapêutica e hedonista sem precedentes. O Narcisismo é um elemento característico de nossa época, mas não apenas como uma concentração na própria imagem, mas principalmente como distorção dessa imagem causada pela construção social. Uma espécie de narcisismo torto, tonto, míope.

Na substituição da ideologia pela sensologia, da burocracia pela mediocracia, do narcisismo pelo especularismo, dá-se uma verdadeira subordinação do pensar e do fazer em relação ao sentir (p. 21). O sentir é incerto, incontrollável, por isso frágil. Então não poderia dar apoio a organizações como a ideologia e a burocracia, que transformavam pensamentos e ações em realidade.

Alienação do sentir não se trata de uma fórmula a seguir de um modo de sentir (um mandar sentir), essa forma seria um risco à sensologia. O *triunfo da sensologia* ocorre à medida que o já sentido passa a ser desejado por todos e como não pode ser imitado, acaba sendo recalçado.

A *sensologia* reduz a sensibilidade orgânica e naturalmente humana em algo inanimado. O *homem-coisa* é mais coisa que todas as coisas existentes. A falta de sentir, por meio da mera reprodução do já sentido transforma o homem em coisa. “Se o homem-animal e o homem-planta eram os produtos do processo de alheamento do pensar e do agir, o homem-coisa é mais alheado do que os outros dois, justamente na medida em que o sentir alheado simultaneamente herda o já pensado da ideologia e o já feito da burocracia” (p. 28). O homem-coisa seria um estágio mais avançado, mais grave de alheamentos.

Mas, ao contrário do que se pode pensar, nossa época não é uma época de afetividade apática. O fenômeno do já sentido não é um enfraquecimento do sentir, mas um reforço desse sentir, mesmo que já sentido, porque se tornou regulamentado. Seria como algo que “não deve ser compartilhado ou imitado, mas repetido, ecoado e recopiado” (p. 31). Para o autor, todas essas manifestações coletivas, por mais diversas que sejam suas origens e ideologias, fariam parte da sensologia. Todas fluiriam umas através das outras, sendo apenas “figuras provisórias de uma experiência que aspira a tornar-se o equivalente geral com que se permutam todas as manifestações históricas do já sentido”. (p.34)

Nesse sentido, Perniola pontua o papel do intelectual orgânico, que agiria como *moeda viva*. Na relação artista X diletante, o artista “sacrifica o seu sentir, aquilo que deve produzir. O diletante sacrifica-o à curiosidade de sentir qualquer outra coisa” (p. 36). A moeda-viva seria um “homem pronto para sentir tudo” (p. 37); é a personificação do estético (Kant), uma vez que se torna espelho por ser a base de todos os valores e fonte das metamorfoses.

No segundo capítulo, Perniola começa pontuando como se dava o sentir na *era burocrática* (passagem entre os séculos XIX e XX). Quando a estrutura burocrática é o sistema de vida vigente, toda a ação já está previamente definida, mecanizada, por isso não existe espaço para “imprevistos emocionais” (p. 50). Além disso, aponta diversos tipos de sentir.

No terceiro e último capítulo, o autor se atém a apresentar um panorama histórico da construção dos já sentidos, assim como nos apresenta caminhos e conselhos para o fazer-se sentir. Para o autor, o já sentido, por meio da alienação, traz sua origem em raízes milenares e coloca a afetividade como algo passivo. Dessa forma, o conceito metafísico da Grécia Antiga de que o ser é ativo por natureza, acaba por se concretizar. No pensamento metafísico a ação é superior à potência, o agir é superior a sofrer a ação e a vida intelectual é superior à vida emocional. (p. 98)

Para o autor, a vida filosófica é a alternativa ao totalitarismo sensológico. Contra a sensologia, o fazer filosófico dá um conselho definitivo: “estar em qualquer lugar e sempre na meta, porque onde quer que se esteja está-se sempre a nascer”. (p. 136)

Referências

PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Lisboa: editorial presença, 1993.